



## Sobre a tradução de “Perspectivas feministas africanas de pós-colonialidade”

Maria Andrea dos Santos Soares<sup>1</sup>

Paulo Ricardo Müller<sup>2</sup>

Patricia McFadden (1952) nasceu na Suazilândia, hoje Reino de Essuatíni (ou eSwatini, em transliteração do suázi). Obteve sua formação superior básica na Universidade do Botswana e Suazilândia, mestrado em sociologia na Universidade Dar es Salaam (Tanzânia) e o doutorado, também em sociologia, pela Universidade de Warwick (Inglaterra) com uma tese sobre a proletarianização dos trabalhadores da indústria açucareira na Suazilândia, defendida em 1987<sup>3</sup>. Em todo esse período foi protagonista do movimento anti-apartheid. Já atuou como professora e pesquisadora em diferentes universidades africanas, europeias e norte-americanas, como editora da revista *Southern African Feminist Review* e como consultora de agências e organismos multilaterais na formulação de políticas de promoção e *advocacy* da equidade de gênero e da diversidade sexual. No entanto, destaca-se por seu trabalho autônomo como articuladora de organizações em rede de mulheres<sup>4</sup> através das quais procura estimular a formação de quadros feministas para atuarem nas instituições e na sociedade civil de diferentes países africanos. Entre meados dos anos 1990 até o final da primeira década de 2000 esteve baseada no Zimbábue. Recentemente retornou para Essuatíni, onde, além de escrever, cultiva uma horta orgânica de onde retira alimentos que leva consigo para onde viaja, como modo de garantir uma dieta estritamente vegana.

O texto que traduzimos e ora é publicado pela Revista da AbeAfrica tem como mote as controvérsias geradas pela política de reforma agrária no Zimbábue sob o governo de Robert Mugabe, que expropriou fazendas pertencentes a fazendeiros brancos estrangeiros, mas com isso

1 Professora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

2 Professor da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).

3 MCFADDEN, P. *Proletarianisation in Swaziland: the case of the sugar industry*. PhD thesis, Department of Sociology, University of Warwick, 1987. Disponível em: [http://wrap.warwick.ac.uk/36664/1/WRAP\\_THESIS\\_McFadden\\_1987.pdf](http://wrap.warwick.ac.uk/36664/1/WRAP_THESIS_McFadden_1987.pdf).

4 Como a Development Alternatives for Women in the New Era (DAWN, <https://dawnnet.org/>) e a Akina Mama wa Afrika (<https://www.akinamamawaafrika.org/>).

gerou uma queda vertiginosa da economia agrícola do país<sup>5</sup>. O artigo traz, de modo condensado, os diversos temas que orientaram as reflexões de McFadden até o início dos anos 2010. Questões em torno dos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres<sup>6</sup> articulam-se, no pensamento de McFadden, com análises das relações entre os Estados nacionais africanos pós-coloniais, as elites econômicas e os grupos militares<sup>7</sup>; com críticas às políticas de ajuste estrutural neoliberal na África - preconizadas por organismos de governança econômica como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial - por seu caráter neocolonial, ou seja, por facilitarem a continuidade da pilhagem dos recursos naturais e territoriais africanos por parte das “potências” ocidentais com a colaboração de elites africanas<sup>8</sup>; e com os desdobramentos históricos do engajamento feminino nas lutas contra-coloniais, apontando para as contradições entre uma perspectiva do que chama de um “feminismo liberal” – mais voltado às aspirações de mulheres que compõem uma emergente classe média africana – e as ameaças às liberdades individuais e coletivas das mulheres e meninas africanas mais pobres acarretadas pelo fundamentalismo religioso e pela naturalização das relações patriarcais, anunciando, inclusive, questões pertinentes à perspectiva interseccional formulada pelo feminismo negro norte-americano<sup>9</sup>.

De cerca de 2010 até hoje verifica-se a emergência de uma nova linha de reflexão na produção de McFadden sobre a “contemporaneidade” como noção que interliga os movimentos de mulheres e os pensamentos feministas que se desenvolvem de modo autônomo em diferentes contextos africanos mas permitem a mútua identificação entre mulheres não apenas em um nível individual como também coletivo, ou seja, entre os contextos, lugares e relações que mulheres africanas experienciam em diferentes países e sociedades<sup>10</sup>. Em síntese, a relevância e o potencial inovador do pensamento de McFadden advêm da conjunção única entre atuação acadêmica, ativismo e militância organizada, formulação de políticas públicas e conduta ética individual e coletiva. Outra feminista africana independente, Bibi Bakare-Yusuf<sup>11</sup>, chama atenção para como a

---

5 Conferir o dossiê “The struggle in Zimbabwe”, em que o texto de McFadden foi publicado, na revista *The Black Scholar*, vol. 37, n. 1, 2007.

6 MCFADDEN, P.; CHIRIGA, J. *Gender in southern Africa : a gendered perspective*. Harare: SAPES Books, 1998. MCFADDEN, P.; MVUDUDU, S. *Reconceptualizing the family in a changing Southern African environment*. Harare: WLSA, 2001.

7 MCFADDEN, P. Plunder as statecraft: militarism and resistance in neo-colonial Africa. In: SUTTON, B.; MORGEN, S.; NOVKOV, J. (eds.). *Security disarmed: critical perspectives on gender, race, and militarization*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 2008, pp. 136–155.

8 MCFADDEN, P. Re-Crafting Citizenship in the Postcolonial Moment: a focus on Southern Africa. *Works and Days* 57/58, vol. 29, n. 1/2, 2011, pp. 265-279.

9 MCFADDEN, P. Exceptionalism is a Feminist Issue in Southern Africa. In: TURSHEN, M. (ed.). *African Women: A Political Economy*, Palgrave MacMillan, 2010, pp. 23-33.

10 MCFADDEN, P. Contemporaneity: sufficiency in a radical African feminist life. *Meridians*, vol. 17, n. 2, 2018, pp. 415–431.

11 BAKARE-YUSUF, Bibi. Beyond determinism: the phenomenology of African female existence. *Feminist Africa*, vol. 2, 2003. Disponível em:

[http://www.agi.ac.za/sites/default/files/image\\_tool/images/429/feminist\\_africa\\_journals/archive/02/fa\\_2\\_feature\\_ar](http://www.agi.ac.za/sites/default/files/image_tool/images/429/feminist_africa_journals/archive/02/fa_2_feature_ar)

leitura de McFadden interpõe ideias oriundas de um lugar de enunciação ao mesmo tempo coadunado e alternativo ao *mainstream* da produção literária e acadêmica africana contemporânea situada no circuito Nigéria-Reino Unido-Estados Unidos, atestando sua capacidade de diálogo e interlocução mesmo com autoras e ideias de que é crítica.

Ainda pouco conhecida no Brasil, apenas recentemente algumas produções acadêmicas têm se voltado, ainda que não exclusivamente, para sua obra. Os trabalhos em que McFadden aparece como referência situam-na em diferentes quadros de análise, a dizer: um panorama das principais pensadoras africanas da atualidade, situando-as regionalmente e em termos de suas filiações e linhagens teóricas<sup>12</sup>; um mapeamento das lutas e reivindicações feministas na África a partir da adoção do documento conhecido como Carta de Princípios Feministas, elaborada ao final do Fórum Feminista Africano de 2006 em Gana<sup>13</sup>; como crítica à colonialidade do gênero e fundamento para a formulação de epistemologias feministas pós-coloniais e oriundas do chamado Sul Global<sup>14</sup>; inscrita na chave conceitual e epistemológica da afrocentricidade como fonte de críticas e análises dos mecanismos de marginalização das mulheres nos Estados africanos pós-coloniais<sup>15</sup>.

Para o campo dos Estudos Africanos produzidos no Brasil, a leitura deste e de outros textos da autora pode ampliar os horizontes de pesquisas no âmbito dos estudos de gênero e feministas, oferecendo uma perspectiva menos preocupada com definições diacríticas das mulheres e do feminismo propriamente africano (como o fazem Oyeronke Oyewumi, Amina Mama e outras expoentes do pensamento feminista na África, segundo a análise de Bakare-Yusuf<sup>16</sup>) e mais voltada para a as relações e dinâmicas políticas, econômicas e culturais das quais participam mulheres de diferentes estratos sociais e com diferentes identidades sexuais e de gênero. Além disso, sua experiência como consultora de organismos internacionais e em cursos de formação para

---

[ticle\\_1.pdf](#)>. Uma tradução para o português desse artigo, feita por Aline Rocha e Emival Ramos, para uso didático, está disponível em <[https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/bibi\\_bakare-yusuf\\_-\\_al%C3%A9m\\_do\\_determinismo\\_a\\_fenomenologia\\_da\\_exist%C3%Aancia\\_feminina\\_africana.pdf](https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/bibi_bakare-yusuf_-_al%C3%A9m_do_determinismo_a_fenomenologia_da_exist%C3%Aancia_feminina_africana.pdf)>.

12 GASPARETTO, V. A.; AMÂNCIO, H. P. Gênero e feminismos em África: temas e problemas e perspectivas analíticas. *Anais*. 13º Mundos de Mulheres & Fazendo Gênero 11, Florianópolis, 2017. Disponível em <[http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499218752\\_ARQUIVO\\_GeneroefeminismoemAfrica\\_VeraeHelder.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499218752_ARQUIVO_GeneroefeminismoemAfrica_VeraeHelder.pdf)>.

13 TELO, F. C. A. O Pensamento Feminista Africano e a Carta dos Princípios Feministas para as Feministas Africanas. *Anais*. 13º Mundos de Mulheres & Fazendo Gênero 11, Florianópolis, 2017. Disponível em <[http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498445384\\_ARQUIVO\\_ArtigoCompleto\\_Florita.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498445384_ARQUIVO_ArtigoCompleto_Florita.pdf)>.

14 CARVALHO, C. C. F. (Des)colonizar os Saberes e os Gêneros: é possível uma hermenêutica feminista das epistemologias feministas do sul? *Geografia: ambiente, educação e sociedades*, vol. 1, n. 1, 2018, pp. 22-39. Disponível em <<https://periodicos.unemat.br/index.php/geoambes/article/view/3218>>.

15 FERREIRA, T. F. *Africanas: gênero e feminismo em perspectiva afrocentrada*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/215272>>. As discussões mencionando McFadden nessa dissertação também foram apresentadas entre 2017 e 2018 pela autora em *papers* disponíveis em anais de eventos da Associação Nacional de História e da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros.

16 *Idem* nota 8

movimentos sociais e organizações cívicas de mulheres na África também contribui para uma compreensão mais acurada dos mecanismos subjacentes às relações contemporâneas entre Estado, mercado e sociedade civil no continente africano e análises críticas sem rodeios a respeito de conluios entre corporações transnacionais e as elites nacionais africanas no processo de espoliação dos recursos naturais do continente.

Assim como o texto de Archie Mafeje publicado no último número desta revista<sup>17</sup>, esta é a primeira tradução para o português de um artigo de Patricia McFadden publicada em uma revista acadêmica do Brasil<sup>18</sup>, o que torna ainda mais significativo o esforço empreendido para isto. Entendemos que o campo dos Estudos Africanos no Brasil foi erigido segundo pautas relevantes para a sociedade e a academia no Brasil, em diálogo e cooperação com diversos centros de Estudos Africanos ao redor do mundo. Em que pese a hegemonia ainda exercida por instituições e intelectuais sediados em universidades europeias e norte-americanas, a perspectiva desenvolvida a partir de questões oriundas das diferentes modalidades de relação do Brasil com o continente africano aporta conceitos, teorias, metodologias de pesquisa e, sobretudo, experiências de cooperação e interlocução com o campo acadêmico de diferentes países africanos, exemplares como contribuições para a construção de um *corpus* global de conhecimentos sobre a África e os africanos. É importante, nesse sentido, que construamos uma cartografia de vozes, referências e conceitos oriundos de contextos africanos tão diversa quanto possível, potencializando a contribuição específica dos Estudos Africanos a partir do Brasil. Esperamos que a publicação desta tradução do texto de McFadden seja mais um passo nesse processo, estimulando o desenvolvimento de linhas e projetos de pesquisa, componentes curriculares, cursos de extensão, e outras formas de difusão de conhecimento dedicados às perspectivas de gênero e do pensamento de mulheres africanas no Brasil.

---

17 MAFEJE, A. M. Africanidade: uma ontologia combativa. *Revista da AbeAfrica*, vo.. 3, n. 3, 2019, pp. 315-326.

18 Encontramos outros textos de McFadden disponíveis em português porém em outros tipos de publicações: Tornamo-nos feministas africanas contemporâneas: histórias femininas, legados e os novos imperativos. *Série Diálogo Feminista*, n. 1, 2016. Disponível em <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/mosambik/13084.pdf>>; Conversas feministas: situando as nossas ideias radicais e energias no contexto africano contemporâneo (em coautoria com Patricia Twasiima). *Reflexões feministas*, n. 1, 2018. Disponível em <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/mosambik/15502.pdf>>, ambas publicações da Fundação Friedrich-Ebert em Moçambique. O blog Furiosa trouxe em outubro de 2020 a tradução do artigo “Intellectual Politics and Radical Feminist Praxis” (Política intelectual e práxis feminista radical) publicado originalmente na revista *Feminist Africa* em 2002. Disponível em <<https://furiiosabr.medium.com/pol%C3%Adtica-intelectual-e-pr%C3%A1xis-feminista-radical-c410fe5ad804>>.